

Os Modos de Organização do Discurso no Jornalismo¹

Andressa de Bem e CANTO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo busca analisar os Modos de Organização do Discurso propostos por Charaudeua (2008) presentes no jornalismo. Será feita uma revisão teórica dos conceitos de linguagem, gêneros discursivos e Modos de Organização do Discurso tanto do ponto de vista da Comunicação quanto da Linguística. Através do cruzamento de diferentes correntes teóricas, buscar-se-á verificar a presença dos três Modos de Organização do Discurso (Descritivo, Narrativo e Argumentativo) na produção jornalística.

Palavras-chave: Comunicação; Linguística; Jornalismo; Discurso.

Introdução

Este artigo trata sobre comunicação, linguagem e Modos de Organização do Discurso. Buscar-se-á, através do cruzamento das Teorias da Comunicação com as da Linguística, analisar os Modos de Organização do Discurso propostos por Charaudeua (2008) presentes no jornalismo.

Faremos uma retomada do conceito de linguagem sob a ótica da comunicação, visto por Rudiger (2011), especialmente no que tange a codificação e decodificação de mensagens. Também trataremos uma abordagem linguístico-pragmática do conceito de linguagem, trabalhado pela filosofia contemporânea. Ainda sobre esse tema, comentaremos sobre a importância do domínio da linguagem pelos comunicadores profissionais.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Jornalista formada pela PUCRS, assessora de comunicação na Prefeitura de Cachoeirinha, especialista em Linguística pela PUCRS e mestranda em Comunicação Social pela mesma Universidade. E-mail: andressacanto@hotmail.com.

Utilizaremos também as teorias de Bakhtin (1992) com relação à linguagem e aos gêneros discursivos. Eles são usados na prática corriqueira da fala, bem como na escrita. Falaremos sobre os enunciados que compõem os gêneros do discurso e como eles se dão através da experiência comunicacional.

Em seguida, trataremos sobre os Modos de Organização do Discurso aplicados ao jornalismo. Embasaremos-nos na teoria de Charaudeau (2008), que abrange a ordem discursiva, composta por três Modos de Organização do Discurso: Descritivo, Narrativo e Argumentativo.

Dividiremos essa análise em três partes, que irão relacionar os Modos de Organização do Discurso com o fazer jornalístico. No Modo Descritivo, vamos buscar os componentes da construção descritiva (nomear, localizar-situar e qualificar) na produção jornalística. No Modo Narrativo, mostraremos a semelhança do conceito de Charaudeau com uma das correntes das Teorias da Comunicação. No Modo Argumentativo, vamos analisar a visão do mesmo autor aplicada ao jornalismo opinativo.

Por fim, constatamos que há profundas semelhanças entre as Teorias da Linguística e da Comunicação. Os conceitos de linguagem e de gêneros discursivos são utilizados em ambas as correntes e podem trabalhar de maneira complementar e ainda aprofundar os estudos da análise de discurso no jornalismo.

Linguagem, Comunicação e Gêneros Discursivos

A linguagem é objeto de estudo tanto na Comunicação quanto na Linguística. Pretendemos fazer uma abordagem na qual seja possível o cruzamento das Teorias da Comunicação que embasam a produção jornalística e a análise de discurso proveniente da Linguística.

A comunicação só é possível porque os indivíduos têm a capacidade de codificar e decodificar mensagens, trocando-as com seus semelhantes. Conforme Rudiger (2011, p. 63), “A linguagem constitui o principal meio de comunicação, porque podemos codificar e decodificar os sons que produzimos através do aparelho fonador”. Contudo, ele ressalta, os atos de codificar e decodificar mensagens não devem ser confundidos com a interpretação das mesmas. As primeiras dizem respeito a identificar e reconhecer

estruturas de linguagem comuns. E a segunda seria a capacidade de dar sentido, contexto e até juízo às mensagens recebidas.

O conceito de linguagem também é trabalhado na filosofia contemporânea, com uma abordagem linguístico-pragmática. Oliveira (2001, p. 238) retoma o pensamento de Aristóteles: “Linguagem tem a ver com liberdade também no sentido das diferentes possibilidades de dizer a mesma coisa”. Conforme o autor, a ontologia grega acredita na objetividade da linguagem a partir da sentença. O falante tem uma distância própria em relação à coisa. “Essa distância é o fundamento de possibilidade de separar algo como um estado de coisa próprio que se pode fazer o conteúdo de uma sentença” (p. 238).

Burke (1995, p. 42) fala da importância do domínio da língua para os comunicadores profissionais. “Algumas pessoas parecem ter mais controle sobre a língua do que outras, e maior habilidade em controlar os outros por meio da língua”. Ele define os integrantes desse grupo como extremamente persuasivos, assim como eram os sofistas gregos. Tais profissionais são, ao mesmo tempo, “[...] mestres e servos da própria linguagem” (p. 43).

O autor também relaciona a linguagem com o poder, a língua pode ser objeto de integração nacional, além de fazer parte da cultura e da política de uma nação. A língua não deixa de ser uma forma de dominação, isso fica claro quando uma língua oficial é estabelecida em algum estado ou país. Ocorre também de os falantes de línguas minoritárias fazerem questão de preservar seu idioma com seus descendentes, além de quererem veículos de comunicação que utilizem aquela língua.

De acordo com Burke (1995), as sociedades modernas têm governos muito mais interessados pela língua do que se via em outros tempos. “Por fim, o papel ativo da língua pode ser ilustrado pelos estudos recentes da ‘retórica’ ou ‘discurso’ de protesto e revolução, estudos esses que levam as palavras muito mais a sério do que os historiadores dos movimentos políticos costumavam fazer” (p. 46).

Para Bakhtin (1992, p. 289), “A língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se”. O autor faz uma crítica aos estudos linguísticos que estimam as funções comunicativas da linguagem somente do ponto de vista do locutor. Bakhtin acredita que o esquema do locutor que profere um discurso a um receptor não representa o todo real da comunicação. A linguagem é composta por uma série de gêneros de discurso.

A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar o seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo. O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo complexo da cadeia de outros enunciados. (BAKHTIN, 1992, p. 291).

Conforme a teoria de Bakhtin (1992), o homem faz uso de diversos gêneros de discurso. Eles são usados na prática corriqueira da fala, bem como na escrita. Não é preciso um estudo formal da gramática para a compreensão dos gêneros, pois eles são dados durante a comunicação verbal ativa, através de enunciados ouvidos e reproduzidos durante a conversa. Os enunciados que compõem os gêneros do discurso organizam a fala e as estruturas gramaticais. Falar nada mais é do que estruturar enunciados, pois não se fala através de palavras isoladas, e isso passa a ser feito automaticamente através da experiência comunicacional. O ser humano vai aprendendo a moldar sua fala ao ouvir a fala do interlocutor.

Bakhtin ainda acredita que é a existência dos gêneros do discurso e o domínio dos mesmos que tornam a comunicação verbal possível. “[...] se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nosso enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (p. 302). E através dos enunciados, do mais simples ao mais complexo, é possível compreender o “querer-dizer” do locutor. A intenção comunicativa se dá pela escolha de um gênero de discurso.

Os Modos de Organização do Discurso no Jornalismo

Nossa intenção é fazer uma análise dos Modos de Organização do Discurso presentes no jornalismo. Utilizaremos como embasamento teórico os estudos de Charaudeau (2008) acerca dos Modos de Organização da Linguagem e do Discurso. O

objetivo é avaliar de que forma os Modos de Organização do Discurso (Descritivo, Narrativo e Argumentativo) estão inseridos na produção jornalística.

Na seção anterior, trouxemos as ideias de Bakhtin (1992) com relação aos gêneros de discurso, que são compostos por enunciados. Charaudeau (2008) trata sobre o conceito da construção enunciativa. Para o autor, tal procedimento se dá em duas formas: na ordem linguística, que trata sobre “[...] os diferentes tipos de relações do ato enunciativo, através dos procedimentos de modalização do enunciado” (p. 84); e na ordem discursiva, que abrange “[...] os outros Modos de Organização do Discurso (Descritivo, Narrativo e Argumentativo)” (p. 84).

Concentraremos-nos na ordem discursiva. Dos três Modos de Organização do Discurso trabalhados por Charaudeau (2008), o Descritivo e o Narrativo podem ser facilmente confundidos. “Assim, um texto pode descrever *ações já realizadas* (como é o caso de alguns *relatórios* ou *reportagens jornalísticas*) ou *a realizar* (como em algumas *receitas de cozinha*), e logo nos perguntamos, com razão, se o texto é *descritivo* ou *narrativo*” (p. 107).

Modo Descritivo no Jornalismo

Conforme Charaudeau (2008, p. 111), o termo descrever está associado à ideia de contar, “[...] pois as ações só tem sentido em relação às identidades e às qualificações de seus actantes”. O Modo de Organização Descritivo está presente tanto em textos literários quanto não-literários. Os componentes da construção descritiva são: nomear, localizar-situar e qualificar.

Podemos relacionar esses três componentes da organização descritiva à produção jornalística. Nomear é um procedimento utilizado em qualquer reportagem, pois é necessário identificar as fontes utilizadas na matéria. Cita-se o nome e o cargo ou profissão do entrevistado. Traquina (2005) explica que fonte é quem fornece informações para o jornalista. Lage (2001) completa dizendo que as fontes se dividem basicamente em três grupos: oficiais, que são os órgãos do Estado; os *experts*, que são geralmente fontes técnicas, especialistas no assunto em questão; e as testemunhas, aquelas que presenciaram o fato a ser tratado.

O componente localizar-situar que, segundo Charaudeau (2008, p. 113), determina “[...] o lugar que um ser ocupa no *espaço* e no *tempo* [...]” também é aplicável no fazer jornalístico. Uma das premissas para se escrever uma reportagem chama-se *lead* que, conforme Pereira Junior (2006), consiste em responder, no primeiro parágrafo da matéria, às seguintes perguntas: O que? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?. Então, o componente localizar-situar entraria nas perguntas quando? E onde? já que fala da posição espaço-temporal.

O último componente da construção descritiva é o qualificar que, de acordo com Charaudeau (2008, p. 116), “[...] permite ao sujeito falante manifestar o seu *imaginário*, individual e/ou coletivo [...] num jogo de conflito entre as *visões normativas* impostas pelos consensos sociais e as *visões próprias* ao sujeito”. Aqui, retornamos à questão das fontes. Convencionou-se, conforme Lage (2001), que, no jornalismo moderno, as notícias devem reproduzir informações e dados obtidos com as fontes. Porém, os relatos, muitas vezes, devem ser confrontados uns com os outros, a fim de se chegar à versão mais próxima possível da verdade. Ou seja, como diz Charaudeau, há um conflito entre as visões individuais de cada sujeito, por isso, é interessante serem ouvidas mais de uma fonte sobre o mesmo assunto.

Modo Narrativo no Jornalismo

Acreditamos que o Modo de Organização Narrativo é o que melhor se aplica ao fazer jornalístico.

Para que haja narrativa, é necessário um “contador” (que se poderá chamar de *narrador*, *escritor*, *testemunha*, *etc.*), investido de uma intencionalidade, isto é, de *querer transmitir alguma coisa* (uma certa representação da experiência de mundo) a alguém, um “destinatário” (que se poderá chamar de *leitor*, *ouvinte*, *espectador*, *etc.*), e isso, de uma *certa maneira*, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa. Evidentemente, não estão excluídas dessa intencionalidade todas as significações não conscientes das quais o contador poderia ser portador involuntário. (CHARAUDEUA, 2008, p. 153).

Essa definição de Charaudeau vai de encontro às Teorias da Comunicação. Rudiger (2011) esclarece que Harold Lasswell foi o primeiro a definir o paradigma teórico da comunicação sob o ponto de vista funcionalista, no final da década de 1930. Para Lasswell, a comunicação é um processo intencional, através do qual as pessoas buscam influenciar o comportamento das demais, pela transmissão de mensagens.

Os homens se comunicam com o objetivo de se tornarem pessoas influentes, afetarem aos outros e seu contexto vital. Do ponto de vista da estrutura, por conseguinte, a comunicação é toda a ação pela qual um sujeito transmite ideias para seus semelhantes com determinado efeito, é toda a ação que responde às perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito? (LASSWELL apud RUDIGER, 2011, p. 56).

Também podemos associar a organização da lógica narrativa à organização do texto jornalístico. Charaudeau (2008) afirma que há três tipos de componentes da lógica narrativa: os actantes, os processos e as sequências.

Os actantes “[...] desempenham papéis relacionados à ação da qual dependem” (p. 160). Podemos relacionar os actantes com as fontes, pois elas representam papéis dentro da reportagem, seja pelo cargo que ocupam, pela função que tem em certo contexto, ou simplesmente por terem presenciado determinado fato.

Os processos “[...] unem os actantes entre si, dando uma orientação funcional à sua ação” (p. 160). Podemos considerar que os processos são os fatos em si, os acontecimentos que geraram aquela notícia. São os fatos que orientam a reportagem, os personagens ou actantes são inseridos de acordo com a sua relação com os acontecimentos.

E, por fim, “As sequências, que integram processos e actantes numa finalidade narrativa segundo certos princípios de organização” (p. 160). Poderíamos considerar que as sequências seriam o próprio texto jornalístico, já que integram os fatos (processos) e fontes (actantes) com uma finalidade narrativa, ou seja, a reportagem, que também tem suas particularidades de organização, redação e publicação.

Modo Argumentativo no Jornalismo

Para Charaudeau (2008 p. 205), “[...] a argumentação dirige-se à parte do interlocutor que raciocina (capacidade de refletir e compreender) [...]. O sujeito que argumenta passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento”. O autor resume a argumentação em uma “[...] relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo” (p. 205).

A argumentação sempre tem como objetivo a persuasão e pode ser usada tanto na forma escrita quanto oral. Com relação às categorias de discurso nos diferentes tipos de textos, Charaudeau sinaliza que os mais utilizados na imprensa são os Modos Descritivo e Narrativo, que o Argumentativo serve como contra-ponto.

Concordamos com a avaliação do autor. No jornalismo, o Modo Argumentativo é encontrado nas colunas de opinião, crônicas, artigos e editoriais, tanto no meio impresso quanto eletrônico. No entanto, esses espaços são restritos, ficando a maior parte do jornal preenchido por notícias, o chamado jornalismo informativo. Segundo Traquina (2005), desde o final do século XIX, o jornalismo começou a se basear mais em fatos do que em opiniões, o objetivo das publicações passou a ser transmitir informações e não propaganda.

Até hoje, por questões éticas e pelas demandas sociais, a imprensa tem como função principal informar. Os espaços opinativos, inclusive, costumam se basear em reportagens informativas para produzir suas análises, porque a matéria-prima do jornalismo é a informação. Então, o Modo Argumentativo está presente no jornalismo, mas em espaços específicos. Portanto, de forma geral, o jornalismo fica mais concentrado, segundo Lage (2001), em levar a público os fatos de maior relevância para o cidadão.

Considerações Finais

Este artigo tratou sobre comunicação, linguagem, gêneros discursivos e os Modos de Organização do Discurso presentes no jornalismo. Concordamos com a visão

de Charaudeau (2008, p. 112) de que “[...] os três modos de organização contribuem igualmente para construir textos, contar o fato testemunhando uma experiência, argumentar demonstrando relações, descrever identificando e qualificando os seres”.

Constatamos que os três Modos de Organização do Discurso (Descritivo, Narrativo e Argumentativo) estão presentes no jornalismo. O Modo Descritivo se demonstra através dos componentes de sua construção – nomear, localizar-situar e qualificar. Importante salientar que a descrição está completamente ligada ao fazer jornalístico. Conforme Lage (2001), o repórter tem a função de ser os olhos e os ouvidos da população. Em uma cobertura *in loco*, ele deve reproduzir um quadro fiel da situação. Portanto, descrever um local, acontecimento e as pessoas envolvidas é uma das maneiras de se produzir um relato jornalístico, que se transforma em matéria.

O Modo Narrativo, como citamos anteriormente, é o que melhor se aplica ao fazer jornalístico. A função central do jornalista é narrar, contar, reproduzir os fatos e acontecimentos. Relacionamos também os actantes, os processos e as sequências às fontes, fatos e ao texto jornalístico, respectivamente. Para Traquina (2005), o jornalismo apresenta as notícias locais e do mundo no formato de “estórias”, contadas muitas vezes como em uma novela, onde os acontecimentos são dados aos pedaços. Isso demonstra a característica narrativa do jornalismo, observada também quando o mesmo assunto é trabalhado por vários dias, de acordo com o desmembramento dos fatos.

Concluimos ainda que o Modo Argumentativo também está presente no jornalismo, porém, de forma mais restrita que os Modos Descritivo e Narrativo. Enquanto o ato de contar, que está associado tanto ao Modo Descritivo quanto ao Narrativo, é inerente à produção jornalística, a argumentação é mais reservada a espaços específicos de um produto jornalístico, seja impresso ou eletrônico. O Modo Argumentativo é verificado no jornalismo de opinião, que tem espaços definidos e leva a autoria de um colunista, do editor-chefe, de um colaborador ou até mesmo de um leitor.

Por fim, pode-se dizer que o jornalismo tem uma tendência mais narrativa do que persuasiva, já que inclusive por questões éticas se evita emitir juízo de valor sobre os fatos relatados em forma de notícia. Como regra, o jornalismo pretende ser, em tese,

de caráter informativo. Evidentemente, por ser um recorte da realidade, a própria escolha de determinados fatos em detrimento de outros e a hierarquização das informações, podem ser consideradas como uma condução do leitor/ouvinte/telespectador a determinadas conclusões.

Ou seja, embora a argumentação e a opinião explícitas sejam reservadas a certos espaços e momentos, a isenção total no jornalismo pode ser considerada algo inatingível. A maneira como narramos ou descrevemos as coisas, lugares, situações e pessoas são completamente variáveis, o que pode mudar um texto, uma reportagem, um discurso. Constatamos, pois, que a compreensão dos Modos de Organização da Linguagem e do Discurso deveria ser mais aprofundada nos estudos das Teorias da Comunicação, visando a sua aplicabilidade no fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de: Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. Tradução de: Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de: Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: ARTMED EDITORA, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. 1v.